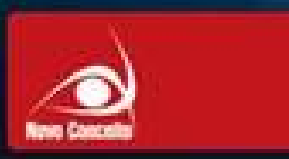
EU NÃO VOU PERDÊ-LA

FRAGMENTA-ME

TAHEREH MAFI



Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

FRAGMENTA-ME

Tahereh Mafi

Novo Conceito

Copyright © 2013 by Tahereh Mafi
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mafi, Tahereh
Fragmenta-me / Tahereh Mafi; [tradução Barbara Menezes]. —
Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: Fracture me
ISBN 978-85-8163-500-2

Ficção norte-americana I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
Ficção: Literatura norte-americana 813

Novo Conceito

Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

1

— Addie? Addie, acorde. *Addie…*

Eu me viro com um resmungo e me espreguiço, esfregando os dois olhos com a base da mão. Está muito cedo para essa merda.

— Addie…

Ainda meio dormindo, eu agarro James pela gola e puxo-o para baixo, enfiando a cabeça dele debaixo do cobertor. Ele grita e eu rio, enrolando-o nos lençóis até ele não conseguir sair.

— Paaaaare com iiiiiiisso — ele reclama, pequenos punhos batendo contra os lençóis. — Addie, me deixe sair...

— Ei… Quantas vezes eu já disse para você não me chamar assim?

James tenta me dar um soco através da coberta. Eu o pego e o viro em meus braços, e ele grita, suas pernas chutando loucamente.

— Você é mau — ele berra, remexendo-se enquanto eu o seguro. — Se o Kenji estivesse aqui, ele nunca deixaria que v...

Com isso, eu congelo, e James consegue sentir. Ele fica quieto nos meus braços e eu o solto. Ele se liberta dos meus cobertores e nós encaramos um ao outro.

James pisca. Seu lábio inferior treme e ele o morde.

— Você sabe se ele está bem?

Eu faço que não com a cabeça.

Kenji ainda está na ala médica. Ninguém tem certeza do que aconteceu ainda, mas as pessoas têm conversado. Sussurrado.

Eu olho na direção da parede. James ainda está falando, mas estou muito distraído para prestar atenção.

Para mim, é difícil acreditar que Juliette poderia machucar alguém assim.

— Todo mundo diz que ele foi embora — James está falando agora.

Isso eu ouço.

— O quê?

Eu me viro, alarmado.

— Como?

James encolhe os ombros.

— Não sei. Disseram que ele escapou do quarto dele.

— Do que você está falando? Como ele poderia escapar do quarto…?

James encolhe os ombros de novo.

— Eu acho que ele não queria mais ficar aqui.

— Mas… o quê?

Eu faço uma careta, confuso.

— Isso significa que ele está se sentindo melhor? Alguém disse para você que ele estava se sentindo melhor?

James franze as sobrancelhas.

— Você queria que ele se sentisse melhor? Pensei que você não gostasse dele.

Eu suspiro. Passo uma mão pelo cabelo, na parte de trás da cabeça.

— É claro que eu gosto dele. Nós nem sempre nos damos bem, mas é muito apertado aqui e ele sempre tem tantas opiniões, maldição...

James me lança um olhar estranho.

— Então… Você não quer matá-lo? Você sempre diz que quer matá-lo.

— Eu não falo sério quando digo coisas assim.

Tento não revirar os olhos.

— Ele e eu somos amigos há muito tempo. Na verdade, estou preocupado com ele.

— Certo — James diz com cautela. — Você é estranho, Addie.

Não consigo deixar de rir um pouco.

— Por que eu sou estranho? E, atenção, pare de me chamar de Addie… Você sabe o quanto eu odeio isso…

— É, e eu ainda não sei por quê — ele me interrompe. — A mamãe sempre costumava chamá-lo de Addie…

— Bem, a mamãe está morta, não está?

Minha voz ficou dura. Minhas mãos estão fechadas em punhos. E, quando eu vejo a expressão de James, arrependo-me na mesma hora por ter sido tão ríspido. Solto as mãos. Respiro fundo.

James engole a seco.

— Desculpe — diz, em voz baixa.

Eu faço que sim com a cabeça, desvio o olhar.

— É. Desculpe também.

Eu puxo uma blusa por cima da cabeça.

— Então o Kenji foi embora, hein? Não acredito que ele simplesmente foi embora assim.

— Por que o Kenji iria embora? — James pergunta. — Pensei que você tivesse dito que nem sabia se ele i...

— Mas pensei que *você* tivesse dito...

Nós paramos. Encaramos um ao outro.

James é o primeiro a falar.

— Eu disse que o *Warner* foi embora. Todo mundo está falando que ele escapou na noite passada.

O simples som do nome dele e eu já estou furioso.

— Fique aqui — digo, apontando para James e agarrando minhas botas.

— Mas...

— Não se mexa até eu voltar! — grito antes de sair correndo pela porta.

Aquele cretino. Não acredito.

Estou martelando na porta de Castle quando Ian me vê ao descer pelo corredor.

— Ele não está aí — Ian diz, ainda andando.

Eu pego o braço dele.

— É verdade? O Warner escapou mesmo?

Ian suspira. Enfia as mãos nos bolsos. Finalmente, faz que sim com a cabeça.

Eu quero atravessar a parede com um soco.

— Tenho que ir vestir meu traje — Ian fala, libertando-se. — E você deveria fazer o mesmo. Vamos sair depois do café da manhã.

— Você está falando sério? — questiono. — Ainda vamos sair para lutar... Mesmo com todas essas merdas acontecendo?

— É claro que vamos — Ian responde com aspereza. — Você sabe que não podemos esperar mais. O supremo não vai reprogramar seus planos de lançar um ataque contra os civis. É tarde demais para recuar agora.

— E quanto ao Warner? — pergunto. — Não vamos tentar encontrá-lo?

— Talvez.

Ian encolhe os ombros.

— Veja se consegue encontrá-lo no campo de batalha.

— Jesus.

Estou tão cheio de raiva que mal consigo enxergar direito.

— Eu poderia matar o Castle por deixar isso acontecer... Por ter sido tão mole com ele, droga...

— Controle isso, cara — Ian me interrompe. — Temos outros problemas. E, ouça — ele agarra meu ombro, olha nos meus olhos —, você não é o único que está furioso com o Castle. Mas agora não é o momento.

Eu me chacoalho para me soltar dele e volto correndo pelo corredor.

* * *

James tem todo tipo de perguntas quando eu volto, mas ainda estou tão bravo que não estou pronto para lidar com ele. Não parece importar; James é teimoso como o diabo. Estou amarrando coldres e colocando minhas armas presas no lugar e ele não recua.

— Mas, então, o que ele disse? — James está perguntando. — Depois de você dizer que a gente deve procurar o Warner?

Eu arrumo a calça, aperto os cadarços das botas.

James bate no meu braço.

— Adam.

Ele bate no meu braço de novo.

— Ele falou a que horas vocês têm que sair hoje?

Mais batidas.

— Adam, quando v...

Eu o pego no colo e o levanto, e ele solta um guincho; coloco-o em um canto distante do quarto.

— *Addie…*

Jogo um cobertor em cima da cabeça dele.

James grita e briga com o cobertor até conseguir tirá-lo e jogá-lo no chão. Seu rosto está vermelho e os punhos estão apertados, e ele finalmente está bravo.

Eu começo a rir. Não consigo evitar.

James está tão frustrado que tem de cuspir as palavras quando fala:

— O Kenji disse que eu tenho tanto direito de saber o que está acontecendo aqui quanto todo mundo. O Kenji nunca fica bravo quando eu faço perguntas. Ele nunca me ignora. Ele nunca é cruel comigo e você está sendo c-cruel comigo, e eu não gosto de quando você r-ri de mim...

A voz de James falha, e é apenas então que eu levanto o olhar. Reparo nas lágrimas riscadas nas suas bochechas.

— Ei — digo, encontrando com ele do outro lado do quarto. — Ei, ei.

Agarro os ombros dele, abaixo-me apoiado em um dos joelhos.

— O que está acontecendo? Por que as lágrimas? O que aconteceu?

— Você vai embora.

James soluça.

— Ora, vamos.

Eu suspiro.

— Você sabia que eu iria sair, lembra? Lembra-se de quando conversamos sobre isto?

— Você vai morrer.

Outro soluço.

Levanto uma sobrancelha olhando para ele,

— Eu não sabia que você conseguia prever o futuro.

— Addie…

— *Ei*…

— Eu não o chamo de Addie na frente de outras pessoas! — James diz, protestando antes de eu ter uma chance de fazê-lo. — Não sei por que isso o deixa tão bravo. Você disse que adorava quando a mamãe o chamava de Addie. Por que eu não posso?

Eu suspiro de novo enquanto me levanto, bagunçando o cabelo dele no caminho. James solta um som engasgado e se afasta depressa.

— Qual é o problema? — pergunto.

Levanto a perna da calça para prender uma pistola semiautomática ao coldre embaixo dela.

— Eu sou soldado há muito tempo. Você sempre soube dos riscos. O que mudou de repente?

James fica em silêncio por tempo suficiente para eu reparar. Levanto o olhar.

— Quero ir com você — ele diz, limpando o nariz com uma mão trêmula. — Quero lutar também.

Meu corpo fica rígido.

— Não vamos ter essa conversa de novo.

— Mas o Kenji disse…

— Eu não dou a mínima para o que o Kenji disse! Você é uma *criança* de dez anos — digo. — Você não vai lutar em guerra nenhum. Não vai entrar em nenhum campo de batalha. Você me entendeu?

James me encara.

— Eu perguntei se *você me entendeu.*

Eu ando direto até ele, agarro seu braço.

James se encolhe um pouco.

— Sim — ele sussurra.

— Sim *o quê*?

— Sim, senhor — ele fala, olhando para o chão agora.

Estou com a respiração tão pesada que meu peito está arfando.

— Nunca mais — digo, em voz baixa. — Nós nunca mais vamos ter essa conversa. Nunca mais.

— Certo, Addie.

Eu engulo a seco.

— Desculpe, Addie.

— Coloque os sapatos.

Eu encaro a parede.

— É hora do café da manhã.

2

— Oi.

Juliette está parada perto da minha mesa, encarando-me como se talvez estivesse nervosa. Como se nunca tivéssemos feito isto antes.

— Ei — digo.

O simples fato de ver o rosto dela ainda faz meu peito doer, mas a verdade é que eu não tenho mais ideia do que está acontecendo entre nós. Prometi a ela que encontraria uma maneira de passarmos por isto — e tenho treinado como um condenado, como sempre fiz —, mas, depois da noite passada, não vou mentir: estou um pouco apavorado. Tocar nela é mais sério do que eu já pensei.

Ela poderia ter matado Kenji. Ainda não tenho certeza se não matou.

Porém, mesmo depois de tudo isso, ainda quero um futuro com ela. Quero saber que, um dia, poderemos nos acomodar em algum

lugar seguro e ficar juntos em paz. Eu não estou pronto para desistir desse sonho ainda. Não estou pronto para desistir de nós.

Faço um aceno da cabeça para um lugar vazio.

— Quer se sentar?

Ela se senta.

Ficamos em silêncio por um tempo, ela cutucando sua comida, eu, a minha. Costumamos comer a mesma coisa todas as manhãs: uma colher cheia de arroz, uma tigela de caldo de legumes, um pedaço de pão duro como pedra e, em dias bons, uma pequena caneca de pudim. Não é incrível, mas dá conta do serviço, e geralmente ficamos gratos pela comida. No entanto, hoje, nenhum de nós parece estar com apetite.

Ou com voz.

Eu suspiro e desvio o olhar. Não sei por que é tão difícil conversar com ela nesta manhã — talvez seja a ausência de Kenji —, mas as coisas parecem diferentes entre nós ultimamente. Quero tanto estar com ela, mas estar com ela nunca pareceu mais perigoso do que parece agora. A cada dia, nós nos sentimos mais distantes. E, às vezes, eu penso que, quanto mais tento segurá-la, mas ela tenta se libertar.

Eu queria que James se apressasse e pegasse seu café da manhã. Tê-lo aqui poderia deixar essa situação mais fácil. Eu me endireito no assento e olho ao redor pelo salão, mas o vejo conversando com um grupo de amigos. Tento acenar para chamá-lo, mas ele está rindo de alguma coisa e nem repara em mim. Esse menino é meio incrível. Ele é um cara tão sociável — e tão popular por aqui — que eu me pergunto de quem puxou isso. De muitas formas, ele é meu exato oposto. Ele gosta de dar abertura para muitas pessoas; eu gosto de manter a maioria das pessoas longe.

Juliette é a única verdadeira exceção a essa regra.

Olho de volta para ela e percebo os círculos vermelhos em volta dos seus olhos, a maneira como eles se mexem depressa

observando o salão. Ela parece tanto bem acordada quanto loucamente exausta e aparentemente não consegue ficar sentada quieta; seu pé está batendo depressa no chão debaixo da mesa e suas mãos estão tremendo um pouco.

— Ei, você está bem?— pergunto.

— Sim, com certeza — ela fala, rápido demais.

Mas está fazendo que não com a cabeça.

— Você, hum, dormiu o suficiente a noite passada?

— Sim — ela diz, repetindo as palavras algumas vezes.

Ela faz isso de vez em quando, fala a mesma palavra de novo e de novo. Nem tenho certeza se ela percebe.

— Você dormiu bem? — ela pergunta.

Seus dedos ficam tamborilando contra a mesa e, depois, contra seus braços. Ela continua olhando ao redor pelo salão. Nem espera que eu responda antes de dizer:

— Já soube da alguma coisa sobre o Kenji?

É quando eu entendo.

É claro que ela não está bem. É claro que ela não dormiu nada na noite anterior. Na noite anterior ela quase matou um dos seus amigos mais próximos. Ela havia acabado de começar a confiar e a não ter medo de si mesma; agora, está de volta ao começo. Merda. Já me arrependo de ter tocado no assunto.

— Não, ainda não.

Eu me encolho.

— Mas — digo, esperando mudar de assunto — ouvi dizer que o pessoal está furioso com o Castle por causa do que aconteceu com o Warner.

Eu limpo a garganta.

— Ficou sabendo que ele fugiu daqui?

Juliette deixa sua colher cair.

Ela faz barulho no chão, mas Juliette não parece notar.

— Sim — ela diz em voz baixa.

Está piscando os dois olhos em direção à sua xícara d'água, segurando o guardanapo, dobrando-o e desdobrando-o.

— As pessoas estavam falando sobre isso nos corredores. Sabem como ele escapou?

— Acho que não.

Eu franzo as sobrancelhas olhando na direção dela.

— Ah.

Ela fica repetindo isso também.

Sua voz está estranha. Até assustada; Juliette sempre foi um pouco diferente de todas as outras pessoas — ela parecia uma gatinha enlouquecida e assustada quando a vi pela primeira vez naquela cela —, mas vinha melhorando bastante nos últimos meses. Assim que ela finalmente começou a confiar em mim, a situação mudou. Ela se desenvolveu. Começou a conversar (e a comer) mais e até ficou um pouco arrogante. Eu adorei vê-la voltar à vida. Eu adorei estar com ela, observando-a se encontrar.

Acho que essa experiência com Kenji a fez recuar muito.

Posso notar que só metade dela está aqui, porque seus olhos estão sem foco e suas mãos estão se mexendo de forma mecânica. Ela faz muito isso. É como se, às vezes, simplesmente desaparecesse, recuasse para um canto do seu cérebro e ficasse lá por um tempo, pensando em alguma coisa sobre a qual ela nunca falaria. Agora, está agindo de uma forma bastante parecida com a maneira como agia antigamente, agora ela está comendo o arroz frio do prato um grão por vez, contando cada mordida em voz baixa.

Estou prestes a tentar falar com ela de novo quando James enfim volta para a mesa. Eu me levanto na mesma hora, grato pela oportunidade de acabar com o constrangimento.

— Ei, amigão… Por que não nos despedimos do jeito certo?

— Ah — James diz, deslizando sua bandeja para a mesa. — Certo, é claro.

Ele dá uma olhada para mim antes de olhar para Juliette, que agora está mastigando um grão de arroz com muito cuidado.

— Oi — ele diz para ela.

Juliette pisca algumas vezes, seu rosto se abrindo em um grande sorriso no instante em que ela repara nele. Eles a transformam, esses sorrisos. E são esses momentos que me matam um pouco.

— Oi — ela fala, tão feliz tão de repente que seria de imaginar que James é a pessoa mais incrível do mundo para ela. — Como você está? Dormiu bem? Quer se sentar? Eu só estava comendo um pouco de arroz; você quer arroz?

James já está corando. Ele provavelmente comeria seu próprio cabelo se ela pedisse. Eu reviro os olhos e o arrasto para longe, dizendo a Juliette que voltaremos logo.

Ela faz que sim com a cabeça. Eu olho por cima do ombro e conforme nos afastamos percebo que ela não parece se importar de ficar sozinha por um tempo. Ela enfia o talher em alguma coisa em seu prato e erra, e é a última coisa que a vejo fazer antes de contornarmos o canto da parede.

3

— O que está acontecendo? Por que precisamos conversar?

Mais perguntas de James.

— Está tudo bem? Você pode dizer para a Juliette não comer o meu café da manhã?

Ele inclina o pescoço para dar uma olhada nela, ainda sentada à mesa.

— Às vezes ela come o meu pudim.

— Ei — eu digo, agarrando os ombros dele. — Olhe para mim.

James se vira para me olhar.

— Qual é o problema, Addie?

Ele procura em meus olhos.

— Você não vai morrer de verdade, vai?

— Não sei — digo a ele. — Talvez sim, talvez não.

— Não fale isso — ele diz baixinho, virando o olhar para o chão. — Não fale isso. Não é bacana falar assim.

— James.

Ele levanta o olhar de novo, devagar desta vez.

Eu me abaixo apoiado nos joelhos e o puxo para perto, descansando minha testa contra a dele. Estou olhando para o chão e sei que ele também está. Posso ouvir nossos corações batendo depressa em silêncio.

— Eu amo você — por fim, digo a ele. — Você sabe disso, não sabe? Você sempre vem em primeiro lugar. Tudo o que eu faço é para cuidar de você. Para protegê-lo. Para sustentá-lo.

James faz que sim com a cabeça.

— É você em primeiro lugar — falo para ele. — Sempre é você em primeiro lugar e todas as outras pessoas depois. E isso nunca vai mudar. Tudo bem?

James faz que sim de novo. Uma lágrima cai no chão entre nós.

— Tudo bem, Addie.

— Venha aqui — eu sussurro, envolvendo-o em meus braços. — Nós vamos ficar bem.

James se agarra mim, agindo mais como criança do que tem agido há muito tempo, e estou feliz por ver isso. Às vezes eu me preocupo que ele esteja crescendo rápido demais neste mundo de merda, e, embora eu não consiga protegê-lo de tudo, ainda assim eu tento. Ele tem sido a única constante na minha vida desde que consigo me lembrar; acho que eu seria destruído se algo acontecesse a ele.

Nunca vou amar ninguém da maneira como amo este menino.

4

Depois do café da manhã, o salão de refeições fica praticamente vazio. James tinha que se apresentar no Salão Seguro com as outras crianças — e os idosos — que ficarão aqui e todos os outros estão se aprontando para sair. Algumas famílias ainda estão fazendo as últimas despedidas. Juliette e eu estamos evitando o contato visual há alguns minutos. Ela está encarando suas mãos, estudando seus dedos como se estivesse verificando se ainda estão lá.

— Mas que droga. Quem morreu?

Deus do céu. Essa voz. Esse rosto.

Impossível.

— Puta que pariu. Puta *merda*.

Estou em pé.

— É bom vê-lo, Kent.

Kenji abre um largo sorriso e faz um aceno da cabeça para mim. Ele está horrível. Olhos cansados, rosto pálido, mãos tremendo um

pouquinho conforme ele se segura à mesa. E, o que é pior, ele já está com seu traje; como se realmente pensasse que vai sair para o campo de batalha.

— Está pronto para dar umas porradas?

Ainda o estou encarando admirado, tentando achar uma forma de responder, quando Juliette dá um pulo e praticamente o ataca. É apenas um abraço, na verdade, mas que medo.

Um pouco cedo demais para isso, eu penso.

— *Opa*… Ei… Obrigado, é… Isso é… Hã…

Kenji limpa a garganta. Ele tenta ser gentil, mas está claro que está tentando se afastar de Juliette e, sim, ela repara. Seu rosto murcha e ela fica pálida, os olhos arregalados. Ela esconde as mãos atrás das costas, apesar de estar usando as luvas. Não há realmente uma ameaça óbvia para Kenji neste momento, mas eu entendo sua hesitação.

O cara quase morreu. Ele tentou separar uma briga ao mesmo tempo em que Juliette e, *bam*, ele caiu na hora. Foi superassustador; e, embora eu saiba que Juliette não teve a *intenção* de fazer isso, na verdade não há nenhuma outra explicação. Deve ter sido ela.

— É, hã, talvez você devesse não tocar em mim por um tempinho, sim?

Kenji está sorrindo — mais uma vez, um cara gentil —, mas ninguém está acreditando.

— Ainda não estou muito firme.

Juliette parece tão mortificada que meu coração se parte. Ela está se esforçando tanto para ficar bem — para deixar essa merda toda bem —, mas, às vezes, é como se o mundo simplesmente não permitisse. Os golpes continuam chegando, e ela continua se machucando. Odeio isso.

Preciso dizer alguma coisa.

— Não foi ela — digo para Kenji,

Viro para ele um olhar cortante. *Deixe-a em paz*, digo sem soltar nenhum som.

— Você sabe que ela nem tocou em você.

— Eu *não* sei, na verdade — Kenji diz, ignorando meus toques mais sutis para mudar de assunto. — E não é como se eu a estivesse culpando... Só estou dizendo que talvez ela esteja projetando e não saiba, tudo bem? Porque, da última vez em que eu verifiquei, não achei que tivéssemos nenhuma outra explicação para o que aconteceu ontem à noite. Com toda a certeza não foi você — ele diz para mim —, e, que merda, até onde sabemos, o fato de o Warner poder tocar na Juliette pode ser apenas sorte. Não sabemos nada sobre ele ainda.

Uma pausa.

— Certo? A menos que o Warner tenha tirado algum tipo de coelho mágico da bunda enquanto eu estava ocupado morrendo ontem à noite.

Eu franzo as sobrancelhas. Desvio o olhar.

— Certo — Kenji diz. — Foi o que eu pensei. Então. Acho que é melhor, a menos que seja absolutamente necessário, eu me manter afastado.

Ele se vira para Juliette.

— Certo? Sem querer ofender, tudo bem? Digo, eu quase morri. Acho que você poderia pegar leve comigo.

— É, é claro — Juliette diz em voz baixa.

Ela tenta rir, mas sai completamente errado. Eu queria poder reagir por ela; eu queria poder envolvê-la em meus braços. Quero protegê-la… Quero poder cuidar dela, mas isso parece impossível agora.

— Então, *de qualquer forma* — Kenji diz. — Quando partimos?

Isso chama minha atenção.

— Você é louco — digo a ele. — Você não vai a lugar nenhum.

— *Pro* diabo que eu não vou.

— Mal consegue ficar em pé sozinho!

— Eu prefiro morrer lá fora a ficar sentado aqui como um idiota.

— Kenji… — Juliette tenta dizer.

— Eeeeei, então, fiquei sabendo pelas conversas nada discretas que o Warner se mandou daqui ontem à noite.

Kenji olha para nós.

— Como é isso?

— É — digo, meu humor ficando pior. — Quem sabe? Eu nunca achei boa ideia mantê-lo como refém aqui. Foi uma ideia ainda mais idiota confiar nele.

Kenji levanta uma sobrancelha.

— Então, em primeiro lugar você insulta minha ideia, e depois você insulta a ideia do Castle, hã?

— Foram decisões ruins — falo para ele, recusando-me a recuar. — Ideias ruins. Agora, temos que pagar por isso.

Foi ideia de Kenji manter Warner como refém, e foi ideia de Castle deixá-lo sair do quarto. E, agora, todos nós estamos sofrendo. Às vezes eu acho que todo este movimento é liderado por um bando de idiotas.

— Bem, como eu poderia saber que o Anderson estaria tão disposto a deixar seu filho apodrecer no inferno?

Eu me retraio involuntariamente.

A lembrança do meu pai e do que ele estaria disposto a fazer ao seu próprio filho é demais para mim nesta manhã. Eu engulo de volta a bile que sobe devagar pela minha garganta.

Kenji repara.

— Ah, ei… Desculpe, cara… Não quis dizer dessa maneira...

— Esqueça — digo a ele.

Estou contente por Kenji não ter morrido, mas, às vezes, tudo o que eu quero mesmo é dar uma porrada nele.

— Talvez você deva voltar para a ala médica. Vamos partir daqui a pouco.

— Não vou para nenhum lugar além de *fora daqui*.

— Kenji, por favor… — Juliette de novo.

— Não.

— Você não está sendo racional. Isto não é uma piada — ela diz para ele. — Pessoas vão morrer hoje.

Kenji ri para ela.

— Desculpe, você está tentando *me* ensinar as realidades da guerra?

Ele faz que não com a cabeça.

— Está se esquecendo de que eu era soldado do exército do Warner? Você faz alguma ideia de quantos absurdos nós já vimos?

Ele faz um gesto para mim.

— Sei exatamente o que esperar de hoje. O Warner era *louco.* Se o Anderson for até mesmo duas vezes pior que o filho, estamos mergulhando direto em um banho de sangue. Não posso deixá-los na mão assim.

Juliette está congelada, os lábios um pouquinho abertos, os olhos arregalados e horrorizados. Sua reação parece um pouco exagerada.

Definitivamente, há algo errado com ela hoje.

Sei que parte do que ela está sentindo tem a ver com Kenji, mas, de repente, não tenho certeza de que não há mais nada. Algo que ela não está me contando.

Não consigo decifrá-la com clareza.

Mas, também, sinto que não tenho sido capaz de decifrá-la com clareza há algum tempo.

— Ele era mesmo tão ruim assim...? — Juliette pergunta.

— Quem? — Kenji e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Warner — ela diz. — Ele era mesmo tão impiedoso assim?

Meu Deus, ela está tão obcecada por ele. Ela tem alguma fascinação doentia pela vida distorcida dele que eu não entendo, e isso me deixa louco. Já consigo sentir que estou ficando bravo, incomodado — *com ciúmes* até —, o que é ridículo. Warner nem é humano; eu não deveria ficar me comparando a ele. Além disso, ela não é nem um pouco o tipo dele. Ele provavelmente a devoraria viva.

Kenji, no entanto, não parece ter o meu problema. Ele está rindo tanto que está praticamente ofegante.

— Impiedoso? Juliette, o cara é doente. Ele é um animal. Acho que ele nem sabe o que é ser humano. Se existe um inferno por aí, acho que foi criado especialmente para ele.

Eu tenho um vislumbre do rosto de Juliette logo antes de ouvir barulhos de passos apressados pelo corredor. Todos nós olhamos uns para os outros, mas eu olho para Juliette por um segundo a mais, desejando poder ler a mente dela. Não faço ideia do que ela está pensando ou do porquê de ela ainda parecer tão horrorizada. Quero falar com ela em particular — descobrir o que está acontecendo —, mas, neste momento, Kenji acena com a cabeça para mim e sei que tenho que limpar minha mente.

É hora de ir.

Todos nós ficamos em pé.

— Ei… Então, o Castle sabe o que você está fazendo? — pergunto a Kenji. — Acho que ele não vai concordar que você saia hoje.

— Castle quer que eu seja feliz — Kenji fala. — E não vou ficar feliz se ficar aqui. Tenho trabalho a fazer. Pessoas a salvar. Moças a impressionar. Ele respeitaria isso.

— E quanto a todos os outros? — Juliette pergunta para ele. — Todos estavam tão preocupados com você... Você pelo menos já os viu? Para dizer que está bem?

— Não — Kenji diz. — Eles provavelmente mijariam nas calças se soubessem que vou subir. Achei que seria mais seguro manter em segredo. Não quero apavorar ninguém. E Sonya e Sara… Pobrezinhas… Estão completamente acabadas. É culpa minha elas estarem tão exaustas, e ainda estão falando em sair hoje. Querem lutar apesar do fato de que vão ter muito trabalho a fazer assim que acabarmos com o exército do Anderson. Nós estávamos tentando convencê-las a ficar aqui, mas elas sabem ser muito teimosas, maldição. Precisam economizar sua força — ele comenta —, e já desperdiçaram muito dela em mim.

— Não foi um *desperdício*… — ela diz.

— Eeenfim — Kenji fala. — Podemos, por favor, ir? Sei que vocês estão totalmente focados em caçar o Anderson — ele fala para mim —, mas, pessoalmente? Eu adoraria pegar o Warner. Atravessar uma bala por aquele pedaço de merda inútil e acabar com isso.

Estou prestes a rir — finalmente, alguém que concorda comigo — quando vejo Juliette dobrar o corpo ao meio. Ele se recompõe bastante rápido, mas está piscando depressa e com a respiração pesada, os olhos voltados para o teto.

— Ei... Você está bem?

Eu a puxo de lado e examino seu rosto. Às vezes ela me deixa completamente assustado. Eu me preocupo com ela quase tanto quanto me preocupo com James.

— Estou bem — ela diz vezes demais.

Fazendo que sim e que não com a cabeça de novo e de novo.

— Só não dormi o bastante a noite passada, mas vou ficar bem.

Eu hesito.

— Tem certeza?

— Absoluta — ela responde.

Depois, ela agarra minha blusa, os olhos enlouquecidos.

— Ei… Só tome cuidado lá fora, tudo bem?

Eu faço que sim com a cabeça, mais confuso a cada instante.

— É. Você também.

— Vamos vamos vamos! — Kenji nos interrompe. — Hoje é o dia da nossa morte, mocinhas.

Eu relaxo e dou um empurrãozinho nele. É bom tê-lo por perto para quebrar a monotonia deste lugar.

Kenji me dá um soco no braço:

— Então, agora você está batendo no menino aleijado, hein?

Eu rio e mostro o dedo para ele.

— Guarde sua angústia para o campo de batalha, irmão.

Ele ri.

— Você vai precisar.

5

Está uma chuva dos infernos.

O dia está frio e úmido e lamacento e uma merda, e eu odeio isto. Faço uma careta feia para Kenji e Juliette, com inveja dos seus trajes pomposos. Essas coisas foram criadas para lhes dar proteção contra este tempo louco de inverno. Eu devia ter pedido um.

Já estou congelando.

Estamos na clareira, o terreno estéril na entrada do Ponto Ômega, e a maioria das outras pessoas se dispersou. Nossa única defesa é a luta de guerrilha e, assim, fomos divididos em grupos. Eu, Kenji mal-conseguindo-andar-em-linha-reta e Juliette (que oficialmente se trancou na sua própria mente hoje); *essa* é a nossa equipe.

É, definitivamente, estou preocupado.

De qualquer forma, pelo menos Kenji está fazendo o que sabe: já estamos invisíveis. No entanto, agora está na hora de encontrar a luta e entrar nela. O som de tiros soa alto e claro e, assim, já temos uma direção na qual nos movermos. Ninguém conversa, mas nós já

sabemos as regras: lutamos para proteger os inocentes e lutamos para sobreviver. É isso.

Entretanto, a chuva está mesmo atrapalhando. Está caindo com mais força e rapidez agora, golpeando-me no rosto e embaçando minha visão. Mal consigo ver direito. Tento tirar a água dos olhos, mas não adianta. É muita.

Sei que estamos nos aproximando dos aglomerados e, assim, pelo menos temos isso. O contorno dos prédios ganha foco e eu sinto que estou ficando agitado. Estou armado até os dentes e pronto para lutar — pronto para fazer o que for necessário para derrubar O Restabelecimento —, mas não vou mentir: ainda estou um pouco preocupado por estarmos com alguém debilitado.

Juliette nunca fez isto antes.

Se dependesse de mim, ela estaria lá na base com James, onde sei que estaria segura, mas ela nem me ouviria se eu pedisse isso. Kenji e Castle sempre a estão paparicando quando não deviam e, para ser sincero? É perigoso. Não é bom fazê-la pensar que ela pode fazer esse tipo de coisa quando, de verdade, isso provavelmente vai matá-la. Ela não é um soldado; ela não sabe lutar; e ela não faz ideia de como usar seus poderes, não de verdade, o que piora ainda mais a situação. É basicamente como dar uma banana de dinamite a um bebê e mandá-lo ir para o meio de um incêndio.

Então, sim, estou preocupado. Estou com muito medo de alguma coisa acontecer a ela. E talvez a nós, por consequência.

Porém, ninguém me escuta e, assim, estamos aqui.

Eu suspiro e avanço, irritado, até ouvir um grito muito alto a distância. Grande alerta. Kenji aperta minha mão e eu aperto a dele de volta para avisar que entendi.

Os aglomerados estão bem à frente, e Kenji nos puxa até estarmos colados contra a parede dos fundos de uma unidade. Há apenas uma saliência suficiente do telhado para conter a chuva. É

puro azar meu estarmos fazendo isto em um dia chuvoso. Minhas roupas estão tão molhadas que eu sinto como se tivesse mijado nas calças.

Kenji me cutuca com o cotovelo, de leve, e estou prestando atenção de novo. Ouço o barulho de uma porta sendo batida e fico duro; coloco a mão na arma automaticamente. Parece que já passei por isto um milhão de vezes, mas nunca me acostumo.

— Esta é a última deles — uma voz grita. — Ela estava se escondendo aqui.

Um soldado está arrastando uma mulher para fora da casa dela e ela não para de gritar. Meu coração acelera e eu seguro a arma com mais força. É doentia a maneira como alguns dos soldados tratam os civis. Entendo que eles receberam ordens — entendo mesmo —, mas a pobre mulher está implorando por misericórdia e ele a está arrastando pelos cabelos e gritando para ela ficar quieta.

Kenji mal está respirando ao meu lado. Olho na direção de Juliette antes de perceber que ainda estamos invisíveis, e, conforme viro a cabeça, tenho o vislumbre de outro soldado. Ele vem correndo do outro lado do campo e manda para o primeiro homem um sinal. Não o sinal que eu estava esperando.

Merda.

— Jogue-a junto com todos os outros — o outro soldado está dizendo agora. — Depois vamos dar a área como limpa.

De repente ele se vai, vira uma esquina, e não resta ninguém além de nós, um soldado e a moça que ele está mantendo como refém. Outros soldados devem ter reunido o restante dos civis antes de chegarmos aqui.

Depois, a mulher enlouquece. Ela está completamente histérica e não parece mais estar no controle do seu corpo. Virou um completo animal, arranhando e fincando as unhas e se agitando, tropeçando nos próprios pés. Está perguntando pelo marido e a filha e quase tenho que fechar os olhos. É difícil assistir a essas coisas quando já

sei o que vai acontecer. A guerra nunca fica mais fácil se você não concorda com o que está acontecendo. Às vezes eu me deixo ficar animado para ir para a batalha — tenho de me convencer de que estou fazendo algo que valha a pena —, mas lutar com outro soldado é muito mais fácil do que lidar com uma moça que está prestes a ver a filha levar um tiro na cabeça.

Juliette provavelmente vai vomitar.

A ação está tão perto de nós agora que eu instintivamente aperto minhas costas contra a parede, esquecendo de novo que estamos invisíveis. O soldado agarra a moça e joga o corpo dela contra o lado de fora da unidade, e eu sinto que nós três ficamos apavorados por um segundo, acalmando-nos bem a tempo de ver o soldado apertar o cano da arma no pescoço da moça e dizer:

— Se você não calar a boca, eu atiro em você agora.

Que imbecil.

A moça desmaia.

O soldado não parece se importar. Ele a tira de vista — na mesma direção em que seu colega foi — e essa é a nossa deixa para segui-lo. Posso ouvir Kenji falar palavrões em voz baixa. Ele tem um estômago sensível, esse cara. Sempre foi fraco quando se trata dessas coisas. Eu o conheci em uma das nossas rondas; quando voltamos, Kenji perdeu a cabeça. Simplesmente perdeu a cabeça por completo. Ele foi colocado no confinamento solitário por um tempinho e, depois disso, diminuiu suas crises emocionais. A maioria dos soldados sabe que não deve reclamar em voz alta. Eu devia ter sabido na época que Kenji não era de verdade um de nós.

Eu tremo contra o frio.

Ainda estamos seguindo o soldado, mas é difícil ficar muito perto dele nesse tempo. A visibilidade é pouca e o vento está soprando a chuva em círculos com muita força. Assim, é quase como estarmos presos em um furacão. A situação vai ficar feia bem depressa.

E, então, uma voz baixa:

— O que vocês acham que está acontecendo?

Juliette.

É claro que ela não faz ideia do que está acontecendo… Por que faria?

O mais inteligente a fazer seria escondê-la em algum lugar. Mantê-la em segurança. Longe do perigo. Um elo fraco pode mandar tudo por água abaixo, e não acho que seja hora de correr riscos. Mas Kenji, como sempre, não parece concordar. Aparentemente, ele não se importa de tirar um tempo para dar a Juliette uma aula sobre como é estar em Guerra no Setor 45.

— Eles os estão reunindo — Kenji explica. — Estão criando grupos de pessoas para matar ao mesmo tempo.

— A mulher… — Juliette diz.

— É — Kenji a interrompe. — É — ele repete. — Ela e qualquer outra pessoa que eles achem que possa ter ligação com os protestos —diz. — Não matam apenas quem incita. Eles matam os amigos e os parentes da pessoa também. É a melhor maneira de manter as pessoas na linha. Nunca falha e dá um susto dos infernos nos poucos que são deixados vivos.

Prefiro interferir antes de Juliette fazer mais perguntas. Aqueles soldados não vão esperar pacientemente que cheguemos lá; temos que tomar uma atitude agora, e precisamos de um plano.

— Tem de haver uma maneira melhor de tirá-los de lá — digo. — Talvez possamos derrubar os soldados encarregados...

— É, mas ouçam, vocês sabem que vou ter que soltá-los, certo? — Kenji pergunta. — Já estou meio que perdendo a força; minha energia está se esgotando mais rápido do que o normal. Então, vocês vão ficar visíveis. Vocês vão ser um alvo mais claro.

— Mas que outra opção nós temos? — Juliette pergunta.

Ela parece uma segunda versão de James. Coloco a mão na minha arma, dobrando e desdobrando os dedos em volta dela.

Precisamos seguir em frente.

Temos que ir *agora*.

— Poderíamos tentar derrubá-los no estilo “atirador de elite” — Kenji diz. — Não precisamos entrar em combate direto. Temos essa opção.

Ele faz uma pausa.

— Juliette, você nunca esteve neste tipo de situação antes. Quero que saiba que eu respeito a sua decisão de ficar fora da linha de fogo direta. Nem todo mundo tem estômago para o que podemos ver se seguirmos esses soldados. Não há vergonha nem culpa nisso.

Isso. Ótimo. Que ela fique para trás onde não vai ser ferida.

— Vou ficar bem — ela diz.

Eu falo um palavrão baixinho.

— É só que… Certo… Mas não tenha medo de usar suas habilidades para se defender — Kenji diz.

Ele parece um pouco nervoso por causa dela também.

— Sei que você é toda estranha e não quer machucar as pessoas ou sei lá. Mas esses caras não estão brincando. Eles *vão* tentar matá-la.

— Certo — Juliette concorda. — É. Vamos.

6

Juliette não devia ter de ver isto.

Seis soldados reuniram quase trinta civis — uma mistura de homens, mulheres e crianças — e vão matá-los. É basicamente um pelotão de fuzilamento. Eles simplesmente vão seguir a fila, *pop pop pop,* e, depois, arrastar os corpos para longe. Colocá-los em um incinerador. Limpar tudo, simples e preciso.

É nojento.

Não tenho certeza do que os soldados estão esperando, no entanto. Talvez eles precisem da aprovação final vinda de algum lugar, mas há um pequeno atraso enquanto eles conversam entre si. Está chovendo muito forte mesmo e isso pode ter algo a ver. Para ser sincero, eles podem nem conseguir ver para onde estão atirando. Deveríamos tirar vantagem dessa oportunidade. Esse tempo pode acabar nos ajudando, por outro lado.

Aperto os olhos contra a chuva e olho com mais atenção para as pessoas, esforçando-me para não perder a cabeça. Elas não estão muito bem, eu também não, para ser honesto. Algumas estão muito

histéricas e isso me faz pensar em como eu me sairia em uma situação assim. Talvez eu fosse como aquele cara no meio, parado ali sem nenhuma expressão. Ele quase parece que aceita o que vai acontecer, e, de alguma forma, a certeza dele me atinge com ainda mais força que as lágrimas.

Um tiro soa.

Maldição.

Um cara na extrema esquerda cai no chão e eu estou tremendo de raiva. Essas pessoas precisam da nossa ajuda. Não podemos simplesmente ficar para trás e observar trinta pessoas desarmadas e inocentes serem mortas quando poderíamos encontrar uma maneira de salvá-las. Deveríamos estar *fazendo alguma coisa*, mas estamos parados aqui por algum motivo idiota que não consigo entender porque Juliette está com medo ou Kenji está enjoado e acho que a verdade é que somos um bando de adolescentes babacas, dois dos quais mal conseguem ficar em pé direito ou disparar uma arma, e é inaceitável. Estou prestes a dizer alguma coisa — estou prestes a gritar, na verdade — quando Kenji solta da minha mão.

Já não era sem tempo, maldição.

Avançamos em linha reta e minha arma já está levantada e mirando. Vejo o soldado que deu o primeiro tiro e sei que preciso disparar; não há espaço para hesitação. Tenho sorte: ele cai imediatamente. Mais cinco soldados a derrubar — soldados que eu espero não reconhecer — e estou fazendo o melhor que posso, mas não é fácil. Foi simplesmente a sorte que me deu aquele primeiro alvo; é quase impossível atirar bem com este tempo. Mal consigo ver aonde estou indo, muito menos para onde estou atirando, mas me jogo no chão bem a tempo de evitar uma bala perdida. Pelo menos a chuva também está deixando difícil eles nos pegarem.

Kenji está fazendo milagres acontecerem hoje.

Ele está invisível agora, e trabalhando rápido. Está reagindo depressa apesar de ferido e se torna apenas uma parte do vento, derrubando três soldados de uma vez. Restam dois soldados e eles

ficam distraídos pela dança de Kenji tempo o bastante para que eu derrube um. Resta um e estou prestes a derrubá-lo também, quando vejo Juliette dar um tiro nele por trás.

Nada mau.

Kenji reaparece nesse momento e começa a gritar para que os civis nos sigam de volta ao abrigo, e Juliette e eu os acompanhamos, fazendo o que podemos para deixá-los em segurança o mais rápido possível. Ainda há alguns aglomerados de pé e devem ser suficientes. Os civis podem entrar e ficar longe da batalha; e também da tempestade que se forma no céu. E, embora a gratidão deles seja tocante, não podemos parar por tempo suficiente para conversar com eles. Precisamos acomodá-los de volta em suas casas e, depois, seguir em frente.

É o que eu sempre fiz.

Sempre siga em frente.

Olho para Juliette enquanto corremos, perguntando-me como ela está se segurando, e, por um segundo, fico confuso; não sei dizer se ela está chorando ou se é apenas a chuva riscando seu rosto. Espero que ela fique bem, no entanto. Fico acabado por vê-la lidando com isso. Queria que ela não precisasse passar por esta situação.

Estamos correndo de novo, disparando pelos aglomerados agora que levamos os civis de volta para suas casas. Essa foi apenas uma parada no caminho para nosso destino final; nem chegamos ao campo de batalha ainda, onde homens e mulheres do Ponto já estão tentando evitar que os soldados d’O Restabelecimento massacrem civis inocentes. A situação está prestes a ficar muito, muito pior.

Kenji está nos puxando pelo cenário meio demolido. Sei que estamos nos aproximando da luta agora porque aqui está muito mais devastado: unidades desmoronando e metade pegando fogo, seus conteúdos espalhados por toda a parte. Sofás rasgados e abajures queimados, roupas e sapatos e corpos caídos para atravessarmos.

Os aglomerados parecem se estender para sempre e, quanto mais longe vamos, pior fica.

— Estamos perto — grito para Kenji.

Ele faz que sim com a cabeça e estou surpreso por ele ter me escutado.

Ouço um som familiar. Alcanço Kenji por tempo suficiente para agarrar o braço dele.

— Tanques! — berro para ele. — Está ouvindo?

Kenji vira um olhar desolado para mim e faz que sim.

— Vamos nos mexer! — ele diz, fazendo um movimento com a cabeça. — Não estamos longe agora!

É uma luta para chegar à luta, o vento assobiando com força em nossos ouvidos e batendo cortante contra nossos rostos, gotas de chuva nervosas golpeando nossa pele, ensopando nossos cabelos. Estou congelado até os ossos, mas não há tempo para ficarmos incomodados. Tenho adrenalina e isso terá que ser o bastante por ora.

A terra treme sob os nossos pés quando um som duro e retumbante explode o céu. Em um instante, o horizonte se acende com fogo, chamas urrando a distância. Alguém está jogando bombas, e isso significa que já estamos perdidos. Meu coração está batendo depressa e com força, e eu nunca admitiria em voz alta, mas estou começando a ficar nervoso.

Olho para Juliette de novo. Sei que ela provavelmente está assustada e quero tranquilizá-la — dizer a ela que tudo vai ficar bem —, mas ela não olha na minha direção. Ela está em outro mundo, seus olhos frios e cortantes, focados no fogo a distância. Ela parece diferente; até um pouco assustadora. De alguma forma, isso me preocupa ainda mais

Estou prestando tanta atenção nela que quase tropeço; o chão está liso embaixo de nós e eu estou com lama até os tornozelos. Puxo as pernas conforme avançamos devagar, a arma firme nas

mãos, e me concentro. É isso. É aqui que tudo está prestes a ficar muito sério, e sei o suficiente sobre a guerra para ser sincero comigo mesmo: posso entrar no campo de batalha com um coração batendo e ser arrastado dele com um coração morto.

Eu respiro fundo conforme nos aproximamos, três adolescentes invisíveis andando pelos aglomerados. Andamos por cima de unidades destruídas e vidro quebrado de janelas estilhaçadas; desviamos do lixo espalhado e tentamos não ouvir o som das pessoas gritando. Não sei quanto ao resto de nós, mas estou me esforçando ao máximo para combater a ânsia de dar a volta e retornar para o lugar de onde começamos.

De repente, James é a única pessoa em meus pensamentos.

7

Merda.

Isto é ainda pior do que eu estava esperando. Há corpos caídos por toda parte, jogados e empilhados uns nos outros e sangrando uns nos outros. É quase impossível distinguir braços de pernas, inimigos de aliados. Sangue e chuva estão se misturando e inundando o chão e, de repente, minhas botas estão escorregadias com a lama e o sangue de outra pessoa; viva ou morta, não sei.

Demora apenas um milésimo de segundo até combatentes inimigos perceberem que somos novos no campo de batalha; quando percebem, não hesitam. Já estamos sob o cerco, e eu olho para trás bem a tempo de ter um vislumbre de Juliette e Kenji ainda abrindo caminho antes de sentir algo pontiagudo bater contra as minhas costas. Dou um giro e, um barulho agudo depois, meu soldado está com o maxilar quebrado. Ele dobra o corpo ao meio e leva a mão para a arma, mas eu sou mais rápido. Agora ele está derrubado e abatido e já estou indo para o próximo.

Estamos todos tão apertados que o combate físico parece inevitável; eu me abaixo para evitar um gancho de direita e dou um soco no estômago do soldado inimigo ao me erguer, tirando uma faca do cinto para continuar. Para dentro, para cima, virando e ele está acabado. Puxo minha faca do peito dele conforme ele cai. Um homem avança para mim por trás e eu me viro para vê-lo quando, de repente, ele está tossindo sangue e caindo de joelhos.

Kenji salvou minha pele.

Ele está em movimento e se mexendo bem, ainda sem deixar seu ferimento debilitá-lo. Estamos lutando juntos, ele e eu, e posso sentir seus movimentos ao meu lado. Gritamos alertas um para o outro, um ajudando o outro quando pode, e, na verdade, estamos nos saindo bem, atravessando a loucura, quando ouço Kenji gritar meu nome, sua voz assustada e urgente.

De repente estou invisível e Kenji está gritando para mim sobre Juliette e não sei o que está acontecendo, mas estou apavorado e sei que agora não é hora de fazer perguntas. Abrimos caminho de volta para a frente, lutando, e disparamos na direção da estrada, a voz em pânico de Kenji dizendo para mim que viu Juliette ser derrubada e arrastada para longe, e é tudo o que preciso ouvir. Uma parte de mim está furiosa e uma parte está aterrorizada e as duas estão tendo sua própria batalha na minha mente.

Eu sabia que isso iria acontecer.

Eu sabia que ela nunca devia ter vindo conosco. Eu sabia que ela devia ter ficado para trás. Ela não foi feita para isso; ela não é forte o bastante para estar no campo de batalha. Ela teria ficado muito mais segura se não tivesse vindo. *Por que nunca me escutam?*

Maldição.

Quero gritar.

Quando chegamos à estrada, Kenji me puxa para trás e, embora estejamos sem fôlego e mal conseguindo falar, temos um vislumbre

de Juliette conforme ela é levada para a parte de trás de um tanque, seu corpo mole e pesado conforme a arrastam para dentro.

Acaba em questão de segundos. Eles já estão se afastando.

Juliette se foi.

Meu peito racha.

Kenji está com a mão firme no meu ombro e eu percebo que estou dizendo “ah, meu Deus, ah, meu Deus” de novo e de novo quando Kenji tem a decência de me devolver a razão.

— Segura a onda — ele fala. — Precisamos ir atrás dela!

Minhas pernas estão instáveis, mas sei que ele está certo.

— Para onde você acha que eles foram?

— Provavelmente a estão transportando de volta para a base...

— Maldição. É claro! O Warner…

— Quer Juliette de volta.

Kenji faz que sim com a cabeça.

— Aquela provavelmente era a equipe que ele mandou para pegá-la.

Ele fala um palavrão baixinho.

— A única coisa boa nisso é que sabemos que ele não a quer morta.

Eu aperto os dentes para não perder a cabeça.

— Está certo então; vamos.

Meu Deus, mal posso esperar para pôr as mãos naquele psicopata. Vou gostar de matá-lo. Devagar. Com cuidado. Cortando-o em pedaços um dedo por vez.

No entanto, Kenji hesita e eu o encaro.

— O que foi? — pergunto.

— Não consigo projetar, irmão. Minha energia se foi.

Ele suspira.

— Desculpe. Meu corpo está se comportando muito mal agora.

Merda.

— Plano de contenção?

— Podemos evitar as estradas principais — ele fala. — Pegar a rota secundária e seguir para a base sozinhos. Seria mais fácil rastrear o tanque, mas, se fizermos isso, você estará totalmente visível. A escolha é sua.

Eu franzo as sobrancelhas.

— É, eu voto pelo plano que não vai me matar instantaneamente.

Kenji sorri.

— Certo, então. Vamos pegar nossa garota de volta.

— *Minha* garota — eu o corrijo. — Ela é minha garota.

Kenji bufa conforme seguimos na direção dos aglomerados.

— Certo. Exceto pelo fato de ela não ser sua garota de verdade. Não mais.

— Cale a boca.

— A-hã.

— Que seja.

8

Nós levamos algum tempo para voltar à base, porque temos que ser superatentos à minha visibilidade. Estamos mais lentos, mais prudentes e cuidadosos, tirando o tempo necessário para nos escondermos dentro e ao redor de unidades abandonadas a cada noventa metros mais ou menos, apenas para garantir que o caminho está livre ao virar cada canto. Porém, quando enfim estamos nos aproximando da base, a merda explode de verdade.

Não éramos os únicos que estavam usando a rota secundária.

Castle, Ian, Alia e Lily enlouqueceram quando nos viram; estavam escondidos dentro de uma unidade que tínhamos certeza de que estava vazia. Eles pularam até nós saindo de trás de uma cama, o que quase me fez mijar nas calças. Tivemos apenas um instante para explicar o que acontecera antes de Castle contar a sua história.

Eles resgataram Brendan e Winston — tiraram-nos do Setor 45, como tinham planejado inicialmente —, mas os dois estavam em mau estado quando Castle os encontrou.

— Achamos que eles vão ficar bem — Castle está dizendo —, mas temos de levá-los até as garotas o mais cedo possível. Espero que elas consigam ajudar.

— As garotas estão no campo de batalha — Kenji avisa, os olhos arregalados. — Não faço ideia de onde. Elas insistiram em lutar hoje.

O rosto de Castle murcha, e, embora ele não diga em voz alta, fica claro que, de repente, está muito preocupado.

— Onde eles estão agora? — pergunto. — Brendan e Winston?

— Escondidos — Castle responde.

— O quê?

Kenji olha ao redor.

— Por quê? Por que vocês não os estão levando de volta para o Ponto?

Castle fica pálido.

É Lily quem fala:

— Ouvimos rumores enquanto estávamos na base tirando os dois — ela conta. — Rumores sobre o que os soldados vão fazer a seguir.

— Estão se mobilizando para um ataque aéreo — Ian interrompe. — Acabamos de ouvir que eles vão bombardear o Ponto Ômega. Ainda estávamos tentando decidir o que deveríamos fazer quando ouvimos alguém chegar e pulamos para cá — ele faz um aceno da cabeça pela unidade — para nos escondermos.

— O quê? — Kenji entra em pânico. — Mas... como vocês...

— É definitivo — Castle diz.

Seus olhos estão fundos e torturados.

— Eu mesmo ouvi as ordens. Eles esperam que, se atingirem com poder de fogo suficiente, tudo no subsolo simplesmente desmorone

sobre si mesmo.

— Mas, senhor, ninguém sabe a localização exata do Ponto Ômega, não é possível...

— É, sim — Alia diz.

Eu nunca a ouvi falar antes e estou surpreso com a suavidade da sua voz.

— Eles tiraram a informação de alguns dos nossos com tortura.

— No campo de batalha — Ian acrescenta. — Logo antes de os matarem.

Kenji parece que vai vomitar.

— Temos que ir agora mesmo — ele fala, a voz aguda e cortante. — Temos que tirar todos de lá... Todos os que deixamos para trás…

Apenas nesse instante, a ideia me ocorre.

— *James.*

Não reconheço minha própria voz. O horror, o pânico, o medo que inunda meu corpo é algo que nunca senti... Nunca conheci. Não assim.

— Temos que ir pegar o James! — estou gritando e Kenji está tentando me acalmar, mas, desta vez, não consigo escutar. Não me importo se tiver que ir sozinho; vou tirar meu irmão de lá.

— Vamos! — disparo para Kenji. — Temos que pegar um tanque e voltar para a base o mais cedo possível...

— Mas e a Juliette? — Kenji pergunta. — Talvez a gente possa se separar… Eu posso voltar para o Ponto com o Castle e a Alia; você pode ficar aqui com o Ian e a Lily...

— Não. Eu preciso buscar o James. Tenho que estar lá. Tem que ser eu quem vai buscá-lo...

— Mas a Juliette…

— Você mesmo disse que o Warner não vai matá-la… Ela vai ficar em segurança ali por um tempinho. Mas, agora, eles vão explodir o Ponto Ômega, e o James… e todos os outros… vão morrer. Temos que ir *agora*…

— Talvez eu possa ficar aqui e procurar pela Juliette, e vocês podem ir...

— A Juliette vai ficar bem. Ela não está em perigo imediato... O Warner não vai machucá-la

— Mas…

— Kenji, *por favor*!

Estou desesperado agora e não me importo.

— Precisamos do máximo de pessoas possível no Ponto Ômega. Um monte de pessoas ficou para trás e elas não têm chance se não chegarmos até elas agora.

Kenji me encara apenas por um momento a mais que o necessário antes de fazer que sim com a cabeça.

— Vocês vão pegar o Brendan e o Winston — ele fala para Castle e os outros três. — Kent e eu vamos roubar um tanque e encontrá-los de volta aqui. Vamos fazer tudo o que pudermos para voltar ao Ponto Ômega o mais rápido possível.

Assim que todos saem, eu agarro Kenji pelo braço.

— Se alguma coisa acontecer com o James...

— Vamos fazer tudo o que pudermos, prometo…

— Isso não é bom o suficiente para mim… Preciso chegar até ele… Tenho que ir agora…

— Você *não pode* ir agora — Kenji estoura. — Guarde sua estupidez para depois, Kent. Agora, mais do que nunca, você precisa ficar no controle. Se você enlouquecer e voltar para o Ponto Ômega a pé sem cuidar da sua própria segurança, vai estar morto antes de chegar lá, e qualquer chance de salvar o James vai estar

perdida. Quer manter seu irmãozinho vivo? Então não se mate enquanto está tentando salvá-lo.

Sinto que minha garganta está fechando.

— Ele não pode morrer — digo, minha voz falhando. — Não posso ser o motivo de ele morrer, Kenji... Não posso…

Kenji pisca depressa, contendo suas próprias emoções.

— Eu sei, cara. Mas não posso pensar assim agora. Temos que continuar em frente…

Kenji ainda está falando, mas eu mal consigo escutá-lo.

James.

Ah, meu Deus.

O que eu fiz?

9

Não faço ideia de como todos nós vamos caber dentro deste tanque. Somos oito pessoas apertadas em um espaço pequeno, sentadas em colos, e ninguém se importa. A tensão é tão espessa que é praticamente mais uma pessoa, tomando um acento que não temos sobrando. Eu mal consigo pensar direito.

Estou tentando respirar, tentando ficar calmo, e não consigo.

Os aviões já estão no ar e eu me sinto enjoado de um jeito que não sei explicar. É mais profundo que meu estômago. Maior que meu coração. Mais avassalador que apenas minha mente. É como se o medo tivesse se transformado em mim; ele veste meu corpo como um terno velho.

Medo é tudo o que me resta agora.

Acho que todos nós sentimos isso. Kenji está dirigindo o tanque, de alguma forma ainda capaz de agir diante de tudo isso, mas ninguém mais está se mexendo. Ninguém está falando. Nem mesmo respirando muito alto.

Eu me sinto tão enjoado.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus.

Dirija mais rápido, eu quero dizer, mas, na verdade, não quero. Não sei se quero acelerar ou diminuir a velocidade. Não sei o que vai doer mais. Eu vi minha própria mãe morrer e, de alguma forma, não doeu tanto quanto isto.

E, então, eu vomito.

Por todos os tapetes do chão.

O corpo sem vida do meu irmão de dez anos.

Estou com ânsia, limpando minha boca na camisa.

Vai doer quando ele morrer? Ele vai ser morto imediatamente ou vai ser golpeado com algo pontiagudo — ferido de alguma forma — e morrer lentamente? Ele vai sangrar até a morte sozinho? Meu irmão de dez anos?

Estou me segurando com força ao painel, tentando estabilizar meu coração, minha respiração. É impossível. As lágrimas estão caindo depressa agora; meus ombros, tremendo; meu corpo, desmoronando. Os aviões ficam mais barulhentos conforme se aproximam. Eu consigo ouvir agora. Todos nós conseguimos.

Nem chegamos ainda.

Ouvimos as bombas explodir a distância e é quando eu sinto: os ossos dentro de mim se quebrarem, pequenos terremotos me despedaçando.

O tanque para.

Não há mais para onde avançar. Não há ninguém nem nada para encontrarmos, e todos nós sabemos. As bombas continuam caindo e eu ouço explosões ecoando os sons dos meus soluços, altos e ofegantes no silêncio. Não me resta nada agora.

Não resta nada.

Nada tão precioso quanto meu próprio sangue.

Acabo de baixar a cabeça para as mãos quando um grito perfura o silêncio.

— Kenji! Olhe!

É Alia, dando um berrinho do banco de trás conforme empurra a porta para abri-la e pula para fora. Eu a sigo com os olhos e é apenas nesse momento que vejo o que ela viu, e levo segundos para sair pela porta e passar correndo por ela, caindo de joelhos em frente à única pessoa que eu nunca pensei que veria, nunca mais.

10

Quase estou emocionado demais para falar.

James está em pé diante de mim, soluçando, e eu não sei se estou sonhando.

— James? — ouço Kenji dizer.

Olho para trás e vejo que quase todos já saíram do tanque.

— É você, amiguinho?

— Addie, s-sinto muito — ele soluça. — Eu sei que você disse... você disse que não era para eu lutar, mas eu não consegui ficar para trás e eu tive que sair...

Eu o puxo para os meus braços, apertando-o com força, mal conseguindo respirar.

— Eu queria l-lutar com você — ele gagueja. — Eu não queria ser uma c-criancinha. Eu q-queria a-ajudar...

— Shhh — digo a ele. — Está tudo bem, James. Está tudo bem. Estamos bem. Tudo vai ficar bem.

— Mas, Addie — ele fala —, você não sabe o que a-aconteceu… Eu tinha saído fazia pouco tempo quando vi os a-aviões…

Eu peço para ele ficar quieto de novo e digo que está tudo bem. Que sabemos o que aconteceu. Que ele está seguro agora.

— Desculpe por que não ter conseguido a-ajudá-lo — ele diz, as bochechas com manchas vermelhas e riscadas por lágrimas. — Sei que você disse que eu não devia, mas eu q-queria mesmo a-ajudar...

Eu o pego no colo, embalando seu corpo em meus braços enquanto o carrego de volta para o tanque, e, apenas nesse momento, percebo que a mancha úmida na parte da frente das calças dele não é da chuva.

James deve ter ficado apavorado. Ele deve ter ficado loucamente assustado e, ainda assim, fugiu do Ponto Ômega porque queria ajudar. Porque queria lutar ao nosso lado.

Eu poderia matá-lo por isso.

Mas vou estar mentindo se disse que ele não é uma das pessoas mais corajosas que eu já conheci.

11

Depois de voltarmos ao tanque, percebemos que não temos ideia do que fazer.

Não temos nenhum lugar para onde ir.

A intensidade do que aconteceu acabou de começar a nos atingir. E, só porque eu pude salvar um pouquinho de boas notícias dos destroços, não significa que não restou muito pelo que sofrer.

Castle está praticamente letárgico.

Kenji é o único que ainda está tentando nos manter vivos. Ele é o único que ainda tem algum senso de autopreservação, e acho que é *por causa* de Castle. Porque ninguém está nos liderando mais e alguém tem que assumir.

Porém, mesmo com Kenji fazendo o melhor que pode para nos manter concentrados, poucos de nós estão reagindo. O dia acabou muito mais rápido do que poderíamos ter esperado, e o sol está se pondo depressa, mergulhando todos nós na escuridão.

Estamos cansados, estamos destruídos e não conseguimos reagir mais.

O sono, parece, é a única coisa que virá.

12

James se mexe nos meus braços.

Acordo no mesmo instante, piscando depressa e olhando ao redor, quando vejo todos ainda dormindo. O sol está partindo o horizonte para deixar a luz sair, e a manhã está tão imóvel, e tão silenciosa, que parece impossível que algum dia tenha havido algo de errado.

A verdade, no entanto, volta rápido demais.

São tijolos no meu peito, pressão nos meus pulmões, dores nas minhas articulações e metal na minha boca: lembranças do dia longo, da noite mais longa e do menino enrolado em meus braços.

Morte e destruição. Lasquinhas de esperança.

Kenji nos levou até um local remoto e usou o resto de sua força para deixar o tanque invisível pela maior parte da noite; era a única maneira de esperarmos o fim da batalha e conseguirmos dormir algumas horas. Ainda não tenho certeza de como esse cara ainda

está funcionando. Ele definitivamente é muito mais forte do que eu imaginei.

O mundo à nossa volta está estranhamente calmo. Eu me mexo um pouco e James fica alerta, acordado e fazendo perguntas assim que sua boca se abre. Sua voz perturba todos os outros, acordando-os com um susto. Uso as costas das mãos para esfregar meus olhos e ajeito James no colo, segurando-o perto de mim. Deixo um beijo no topo da sua cabeça e digo para ele ficar em silêncio.

— Por quê? — ele pergunta.

Cubro a boca dele com a minha mão.

Ele a tira com um tapa.

— Bom dia, raio de sol.

Kenji pisca na nossa direção.

— Bom dia — respondo.

— Eu não estava falando com você — ele diz, tentando sorrir. — Estava falando com o raio de sol.

Eu sorrio como resposta, sem ter certeza de para onde vamos com isso. Há tanto para conversar e tantas coisas sobre as quais não queremos conversar que não sei se vamos acabar conversando ou não. Olho para trás na direção de Castle e percebo que ele está bem acordado e olhando para fora da janela. Dou um aceno para cumprimentá-lo.

— Você dormiu bem? — pergunto a ele.

Castle me encara.

Eu olho para Kenji.

Kenji olha para fora da janela também.

Eu solto um sopro.

Todos voltam para o presente, devagar, mas sem dúvida. Quando estamos em uma condição semifuncional — inclusive Brendan e

Winston —, Kenji não perde tempo.

— Temos que pensar no que vamos fazer — ele diz. — Não podemos nos arriscar a ficar na estrada muito tempo, e não tenho certeza de por quanto tempo ou quão bem vou conseguir projetar. Minha energia está voltando, mas lentamente, e vai e vem. Não é algo com que eu possa contar agora.

— Também precisamos pensar em comida — Ian diz, grogue.

— É, estou com bastante fome — James acrescenta.

Eu aperto os ombros dele. Todos nós estamos famintos.

— Certo — Kenji diz. — Então, alguém, tem alguma ideia?

Silêncio de todos nós.

— Vamos, pessoal — ele fala. — Pensem. Qualquer esconderijo, qualquer ponto seguro... Qualquer lugar onde vocês já ficaram que já foi um espaço seguro...

— E a nossa antiga casa? — James pergunta, olhando ao redor.

Eu me sento mais ereto, surpreso por não ter pensado nisso.

— Certo… É claro — digo. — Boa ideia, James.

Eu bagunço o cabelo dele.

— Isso funcionaria.

Kenji bate o punho no volante.

— Sim! — diz, alto. — Bom. Excelente. Perfeito. Graças a Deus.

— Mas, e se vierem procurar por nós? — Lily questiona. — O Warner não sabia sobre sua antiga casa?

— É — respondo para ela. — Mas, se eles acham que todos do Ponto Ômega morreram, não vão pensar em me procurar. Nem procurar nenhum de nós.

Com isso, todos ficam completamente em silêncio.

O assunto tabu apareceu e, agora, ninguém sabe o que dizer. Todos nós olhamos para Castle em busca de instruções sobre a melhor forma de agir, mas ele não diz uma palavra. Está olhando diretamente para a frente, para o nada, como se tivesse sido paralisado pelo lado de dentro.

— Vamos — Alia diz em voz baixa.

Ela é a única que responde para mim e me dá um sorriso gentil ao fazê-lo. Eu decido que gosto dela por isso.

— Nós deveríamos garantir abrigo o mais cedo possível. E talvez encontrar alguma coisa para o James comer.

Eu sorrio para ela. Muito emocionado por ela falar em nome de James.

— Talvez pudéssemos encontrar algo que todos nós possamos comer — Ian interrompe, mal-humorado.

Eu franzo as sobrancelhas, mas não posso culpá-lo. Meu estômago fez alguns protestos da sua parte.

— Devemos ter bastante comida em casa — eu falo. — Ela está paga até o final do ano, então teremos praticamente tudo de que precisamos, água, energia elétrica, um teto sobre as nossas cabeças, mas vai ficar apertado e vai ser temporário. Teremos de pensar em uma solução mais a longo prazo logo.

— Parece bom — Kenji diz para mim.

Ele se vira de volta para olhar todos os outros.

— Estamos todos de acordo aqui?

Há um murmúrio de consenso e é tudo de que precisamos, na verdade, antes de partirmos e seguirmos para minha antiga casa. De volta ao começo.

O alívio me inunda.

Estou muito grato por poder levar James para casa. Por deixá-lo dormir em sua própria cama. E, embora eu saiba que não devo dizer

em voz alta, uma pequena parte de mim está feliz pelo nosso tempo no Ponto Ômega ter acabado oficialmente. Há um lado bom em tudo isso e é o fato de Warner pensar que estamos todos mortos. E, embora ele esteja com Juliette agora, não vai ficar com ela para sempre. Ela ficará segura até nós podermos achar um jeito de trazê-la de volta e, até então, ele não virá atrás de nós. Podemos encontrar uma maneira de viver, longe de toda a violência e destruição.

Além disso, estou cansado de lutar. Estou cansado de fugir e sempre ter de arriscar minha vida e me preocupar constantemente com James. Quero apenas ir para casa. Quero cuidar do meu irmão. E nunca, nunca *mesmo*, quero sentir o que senti na noite passada.

Não posso arriscar perder James, nunca mais.

13

As estradas estão quase abandonadas por completo. O sol está alto e o vento está extremamente frio, e, embora a chuva tenha parado, o ar tem cheiro de neve e eu tenho a sensação de que ela será pesada. Envolvo James mais apertado em meus braços, tremendo contra o frio que vem de um lugar bem profundo dentro do meu corpo. Ele caiu no sono de novo, seu rostinho enterrado na curvatura do meu pescoço. Eu o abraço mais perto do meu peito.

Com a oposição destruída, não há necessidade de ter muitas tropas na área — nenhuma, aliás. Provavelmente estão removendo os corpos agora, limpando a bagunça e colocando as coisas de volta à ordem o mais rápido possível. É o que sempre fizemos.

A batalha era necessária, mas limpar é tão crucial quanto ela.

Warner costumava repetir isso na base: não damos aos civis tempo de luto. Nunca podíamos lhes dar a oportunidade de transformar seus entes queridos em mártires. Não, era melhor as mortes parecerem o mais insignificantes possível.

Todos tinham de voltar ao trabalho imediatamente.

Tantas vezes eu fiz parte dessas missões. Eu sempre odiei Warner, odiei O Restabelecimento e tudo o que ele defendia, mas, agora, sinto tudo isso com ainda mais intensidade. Pensar que eu iria perder James fez algo comigo na noite passada, e o dano é irreparável. Eu pensei que sabia como era perder alguém próximo, mas não sabia, não de verdade. Perder um pai ou uma mãe é devastador, mas, de alguma forma, a dor é muito diferente de perder um filho. E James, para mim, de muitas formas, parece ser meu próprio filho. Eu o criei. Cuidei dele. Protegi-o. Alimentei-o e o vesti. Ensinei a ele a maioria das coisas que sabe. Ele é a minha única esperança em toda esta devastação: aquilo pelo que eu sempre vivi, sempre lutei. Eu ficaria perdido sem ele.

James dá sentido à minha vida.

E eu não percebera isso até a noite passada.

O que O Restabelecimento faz — separando pais de filhos, casais, basicamente despedaçando famílias — é de propósito. E a crueldade dessas ações não havia me atingido de verdade até agora.

Eu não acho que poderia fazer parte de algo assim novamente.

14

Entramos na garagem subterrânea sem problemas e, depois de estarmos lá dentro, eu posso soltar a respiração. Sei que ficaremos seguros aqui.

Nós todos, os nove, saímos do tanque e ficamos ali em volta por um momento. Brendan e Winston estão se segurando um no outro com firmeza, ainda se recuperando dos seus ferimentos. Não tenho certeza do que aconteceu com eles exatamente, porque ninguém está falando sobre isso, mas não acho que eu queira saber. Alia e Lily ajudam Castle a sair do tanque e Ian está logo atrás. Kenji está parado ao meu lado. Ainda estou segurando James no colo e só o coloco no chão depois que ele pede.

— Vocês estão prontos para subir? — eu pergunto. — Tomar banho? Comer alguma coisa de café da manhã?

— Parece ótimo, cara — diz Ian.

Todos os outros concordam.

Eu mostro o caminho, James agarrado à minha mão.

É loucura; da última vez em que estivemos aqui, estávamos fugindo de Warner. Juliette e eu. Foi quando ela conheceu James, a primeira vez em que senti que poderíamos mesmo ter uma vida juntos. E, depois, Kenji apareceu e redirecionou o curso de tudo. Eu faço que não com a cabeça, lembrando. De alguma forma, parece ter sido há um milhão de anos. Tantas coisas mudaram. Eu era praticamente um cara diferente naquela época. Eu me sinto muito mais velho e endurecido e bravo agora. É difícil acreditar que foi há apenas alguns meses.

A porta da frente ainda está estragada de quando Warner e seus homens a arrombaram, mas damos um jeito. Eu puxo a maçaneta e depois empurro, com força, e a porta abre para dentro.

De repente, todos nós estamos cruzando a soleira.

Estou olhando ao redor, surpreso por ver tudo quase da maneira exata como deixamos. Algumas coisas estão derrubadas e o lugar precisa de uma faxina pesada, mas dará certo. Será um local ótimo e seguro por um tempo. Eu começo a mexer em interruptores e os pequenos aposentos ganham vida cintilando, luzes fluorescentes fazendo um chiado regular no silêncio. James dispara na direção do seu quarto e eu procuro nos armários comida enlatada e itens não perecíveis; ainda temos muitos pacotes em embalagens de plástico da máquina de comida.

Eu solto um suspiro de alívio.

— Quem quer café da manhã? — pergunto, levantando alguns pacotes.

Kenji cai de joelhos, gritando “aleluia!”; Ian praticamente me ataca. James vem correndo do seu quarto gritando “EU EU EU QUERO QUERO” e Lily ri até não poder mais. Alia sorri e se apoia na parede conforme Brendan e Winston se deixam cair no sofá, gemendo de alívio. Castle é o único que permanece em silêncio.

— Certo, pessoal — Kenji diz. — Adam e eu vamos cuidar da comida e o resto de vocês pode se revezar para se lavar. Além disso, odeio ser superóbvio, mas temos apenas um banheiro e todos

nós precisamos dividir, então, por favor, lembrem-se disso. Adam tem alguns suprimentos, mas não muitos, então vamos ser econômicos, combinado? Lembrem-se de que vivemos à base de racionamento agora. A consideração é essencial.

Há um consenso geral e várias cabeças fazendo que sim, e todos se ocupam com um tipo diferente de preparação. Todos exceto Castle, que se senta na única poltrona e não se mexe. Ele parece estar pior que Brendan e Winston, que estão passando por dores físicas de verdade.

Ainda estou olhando para eles dois quando Ian escapa do grupo para me perguntar se tenho algo para cuidar de Brendan e Winston. Eu garanto a ele que vou usar todos os recursos que tiver para curá-los o melhor que puder. Eu sempre tive um pequeno kit de emergência em casa, mas não é muita coisa, e eu não sou médico. Mas sei o suficiente. Acho que poderei ajudar. Isso deixa Ian significativamente mais alegre.

É apenas quando Kenji e eu estamos ocupados preparando a comida na cozinha que ele toca no assunto mais urgente. Aquele que eu ainda não tenho certeza de como resolver.

— Então, o que vamos fazer a respeito da Juliette? — ele pergunta, jogando um pacote de comida de máquina em uma tigela. — Já estou preocupado por termos demorado tanto para ir atrás dela.

Sinto que estou ficando pálido. Não sei como dizer a ele que não tenho nenhum plano imediato de voltar lá para fora. Com certeza, não para lutar; não depois do que aconteceu com James.

— Não sei — digo. — Não tenho certeza do que nós podemos fazer.

Kenji me encara, confuso.

— O que você quer dizer? Temos que tirá-la de lá. O que significa que temos que fazê-la *escapar* de lá, o que significa que temos que planejar outra missão de resgate.

Ele me olha feio.

— Pensei que fosse óbvio.

Eu limpo a garganta.

— Mas e quanto ao James? E o Brendan e o Winston? E o Castle? Não estamos indo muito bem aqui. É certo simplesmente deixá-los aqui e…

— Cara, de que diabos você está falando? Você não está apaixonado por essa menina? Cadê a revolta? Pensei que você estaria enlouquecendo para ir buscá-la agora mesmo…

— Estou — digo, com urgência. — É claro que estou. Só estou preocupado... Faz tão pouco tempo que bombardearam o Ponto que eu só...

— Quanto mais esperarmos, pior vai ficar.

Kenji faz que não com a cabeça.

— Temos que ir o mais rápido possível. Se não formos, ela vai ficar presa lá para sempre, e o Warner vai usá-la como seu monstro de tortura. Ele provavelmente vai matá-la no processo sem nem ter a intenção.

Eu agarro o canto do balcão e olho fixamente para a pia.

Merda.

Merda merda merda.

Dou um giro ao ouvir a voz de James, escuto por um momento enquanto ele ri de algo que Alia disse. Meu coração aperta só de *pensar* em deixá-lo para trás de novo. Mas sei que tenho uma responsabilidade com Juliette. O que ela faria se eu não estivesse aqui para ajudá-la? Ela precisa de mim.

— Certo — eu suspiro. — É claro. O que temos que fazer?

15

Depois do café da manhã, que foi na verdade mais próximo do almoço, eu cuido um pouco de Brendan e Winston e os acomodo no chão para que possam descansar de verdade. James e eu tínhamos juntado um bom número de cobertores gastos e travesseiros ao longo dos anos, e, assim, temos exatamente o bastante para distribuir, e graças a Deus, porque está frio *pra* burro. Até enrolamos um cobertor em volta dos ombros de Castle. Ele ainda mal está se mexendo, mas o forçamos a comer, e pelo menos ele tem um pouco de cor no rosto agora.

Com Brendan e Winston acomodados, Ian e Alia e Lily alimentados e confortáveis, James são e salvo e Castle descansando, Kenji e eu enfim estamos prontos para dar início a novos planos.

— Eu vou sair — Kenji fala. — Ir para a base e dar uma de enxerido. Escutar os rumores e sussurros sobre o que está acontecendo... Talvez até encontrar Juliette, avisá-la de que iremos buscá-la logo.

Eu faço que sim com a cabeça.

— É um ótimo começo.

— Assim que eu souber mais sobre o que está acontecendo, poderemos pensar em um plano firme, pegá-la e trazê-la para casa.

— Então, assim que ela voltar — eu digo —, teremos de nos mudar de novo.

— Provavelmente, é.

Eu faço que sim com a cabeça algumas vezes.

— Certo. Tudo bem. — Engulo a seco.

— Eu espero aqui até você voltar.

— Parece bom.

Kenji sorri e, depois, some. Desaparece. A porta da frente é puxada e depois fechada, e eu estou encarando a parede e tentando não enlouquecer demais quanto ao que vai acontecer em seguida.

Outra missão. O que significa outra chance de estragar tudo e acabarmos mortos. E, então, se tivermos sucesso, seremos recompensados com mais fugas, mais instabilidade, mais caos.

Eu fecho os olhos.

Amo Juliette. De verdade. Quero ajudá-la e apoiá-la e estar ao lado dela. Quero que tenhamos um futuro juntos, Mas, às vezes, eu me pergunto se isso um dia acontecerá.

Não é fácil admitir, mas parte de mim não quer colocar James em risco de novo — em fuga de novo — por uma garota que me dispensou. Uma garota que nos deixou.

Não sei mais qual é a coisa certa a fazer.

Não sei se minha lealdade está com James ou Juliette.

16

Kenji volta depois de apenas umas duas horas. O rosto muito pálido, as mãos tremendo. Ele está com a respiração pesada, seus olhos estão sem foco e ele se senta no sofá sem dizer uma palavra, e eu já estou em pânico.

— O que aconteceu? — pergunto.

— O que está acontecendo? — Lily diz.

— Você está bem, cara? — isso vem de Ian.

Nós o bombardeamos com perguntas e ele não responde. Olha fixamente, sem piscar, uma réplica de Castle, que está sentado em uma poltrona à sua frente.

Por fim, depois de um longo momento de silêncio, ele fala.

Três palavras.

— A Juliette morreu.

Caos. As perguntas estão voando e gritos são abafados e todos estão chocados, horrorizados, enlouquecendo.

Estou pasmo.

Meu cérebro parece paralisado, sem querer processar ou digerir essa informação. *Por quê?*, eu quero perguntar. *Como?* Como isso é possível?

Porém, não consigo falar. Estou congelado de horror. Sofrimento.

— Não foi o Warner que foi atrás dela — Kenji está dizendo, lágrimas caindo depressa pelo seu rosto. — Foi o Anderson. Eram homens do Anderson. Eles fizeram o anúncio há apenas algumas horas — ele explica, engasgando com as palavras. — Disseram que bombardearam o Ponto Ômega, capturaram Juliette e a mataram nesta manhã mesmo. O supremo já voltou para a capital.

— Não — eu ofego.

— Devíamos ter ido atrás dela — Kenji está dizendo. — Eu devia ter ficado para trás... Eu devia ter tentado encontrá-la… É minha culpa — ele fala, as mãos no cabelo, tentando conter as lágrimas. — É culpa minha ela estar morta. Eu devia ter ido atrás dela...

— Não é culpa sua — Ian diz para ele, aproximando-se depressa e agarrando seus braços. — Não ouse colocar essa responsabilidade em si mesmo.

— Perdemos muitas pessoas — Lily diz. — Pessoas queridas para nós que não pudemos salvar. Isso não é culpa sua. Eu juro. Fizemos o melhor que podíamos.

Todos estão consolando Kenji agora, tentando assegurar para ele que nenhuma culpa é necessária. Não existe ninguém a culpar por isso tudo.

Mas eu não posso concordar.

Eu tropeço para trás até bater na parede, inclinando-me contra ela em busca de apoio. Eu sei a quem culpar. Sei onde está a culpa.

Juliette está morta por minha causa.

Não perca a conclusão épica da série *best-seller* do *New York Times* Estilhaça-me.